



Autoría: [Allis, Thiago, dos Santos Moraes, Camila Maria y Catalano, Bárbara](#)

Capítulo de libro

## Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa

Año: 2023

Allis, T., dos Santos Moraes, C. M. y Catalano, B. (2023). Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa. En *Mobilidades turísticas: debates e estudos contemporâneos* (Vol. 5). Repositorio Digital Institucional Universidad Provincial de Córdoba. <https://repositorio.upc.edu.ar/handle/123456789/505>

## CAPÍTULO 6

### Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa

*Thiago Allis*

*Camila Moraes*

*Barbara Catalano*

*Eu também, eu também hei de estar no Grande Aeroporto, um dia*

*Entre os outros viajantes sem bagagem...*

*Tu não imaginas como é bom, como é repousante*

*Não ter bagagem nenhuma!*

*("Aeroporto", de Mário Quintana,*

*em "Preparativos de Viagem - Antologia Pessoal", 1987)*

#### *Introdução: um pequeno caleidoscópio de reflexões*

Um exercício aplicado demonstra que, quando nos permitimos observar o turismo por múltiplas perspectivas, as relações entre turismo e mobilidades se manifestam de maneira entusiasmante. E, para isso, podemos - ou não - partir de práticas típicas de turismo: análise do movimento de corpos (turistas) em direção a espaços específicos (destinos), orientados por necessidades e desejos produzidos em uma sociedade de consumo altamente mediatizada. Já se disse: não é possível, mesmo em abordagens alternativas, ignorar o óbvio que compõe as feições mais explícitas do turismo. Contudo, já não é sem tempo de ir além delas - não apenas em termos filosóficos, senão também com vistas a aplicações por meio de políticas, trocas comerciais, relações comunitárias e engajamento de movimentos sociais (ALLIS, 2016; 2022; SHELLER e URRY, 2004).

Neste livro, foram apresentadas abordagens que cobrem desde as relações sobre turismo e hospitalidade nas dimensões virtuais (de Sena, Borges e Andrade; Sampaio, Brito e Ribeiro) - ainda mais no rescaldo de um traumático período pandêmico - a políticas de integração regional (Lumertz e Conceição), assunto não menos contundente no contexto geopolítico presente, passando por análises de temas urbanos (Santin, de Sá e Martins) e da construção proto-turística no Brasil oitocentista

(Santos, Silva e Carneiro). São distintas escalas, abordagens, problemas e perspectivas que, isoladamente e em combinação, trazem elaborações arejadas sobre várias dimensões de mobilidades, ainda que em caráter de experimentação analítica.

Por si, quaisquer destes trabalhos poderiam ter sido desenvolvidos sobre várias encruzilhadas disciplinares (história, geografia, sociologia urbana, comunicações e artes, relações internacionais, ciência política, para citar alguns) sem sequer trazer as mobilidades como categoria de análise. E ainda assim alimentar excelentes debates. Porém, o que esta pequena coletânea ensejou é um esforço objetivado, qual seja o de vestir as lentes das mobilidades para enquadrar o turismo nas suas múltiplas manifestações, buscando apreender seus elementos (i)móveis em várias dimensões - inclusive, e não apenas, a de corpos que se movem, os significados que isso implica, as novas elaborações que surgem nas frestas...

Como alertado pelos estudos de mobilidades desde a entrada no século XXI, um dos primeiros e principais equívocos a se evitar é tratá-las como mero *objeto* ou *tema* - cujo tratamento analítico eventualmente pudesse ser compartimentado à luz de quaisquer enfoques teórico-metodológicos. De maneira mais ambiciosa - e por isso mesmo tão auspiciosa, a “virada” que despontou há cerca de 20 anos foi assim proposta por entender as mobilidades como analisador, enfoque, marco teórico ou perspectiva (SINGH *et al*, 2018, p. 15), reforçando a necessidade de uma “distinção analítica entre movimento [físico] e mobilidade [de sentidos, significados etc.]” (CRESSWELL, 2006, p. 2).

Por conta disso, quando olharmos para o turismo, qualquer adjetivação que se produza, ainda que com a intenção de especificar o debate, poderia correr o risco de (re)produzir equívocos - ao objetificar cartesianamente as mobilidades (como sinônimo de mobilidade urbana, referindo-se a um fenômeno mecânico de transportes) ou, no mínimo, desviar de abordagens mais necessárias. Ainda assim e com todo o cuidado, este pode ser um chamado dos mais produtivos e inspiradores, desde que se assumam compromissos engajados ao levantar questões, compreender ações e produzir entendimentos específicos aos estudos da área.

Partindo desta variedade de temas e abordagens aqui ou alhures, bem como reconhecimento da necessidade de se empregar as mobilidades como analisador ou operador analítico (FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020; SINGH *et al.*, 2018), há que se perguntar o que está a montante e o que se projeta a jusante das searas acadêmicas em termos de mobilidades turísticas.

## A montante: um caminho em elaboração

O simples falar em mobilidades turísticas pode levar às leituras rasas sobre a complexidade que este enfoque encerra como manifestação das mobilidades contemporâneas. De um lado, o risco mais comum, já citado: um sinônimo que substitui apenas semanticamente a própria ideia de turismo. Fosse isso, talvez o estudo das mobilidades turísticas seriam, no mínimo, um modismo semântico, uma nova nomenclatura para as mesmas coisas - algo muito comum entre acadêmicos que buscam confirmar-se como referência em qualquer área do conhecimento. Por outro lado, o adjetivo ("turísticas") poderia simplesmente ser entendido como "relativo àquilo que se refere a turistas". Em si, não seria um erro, senão, talvez, uma insuficiência, um olhar limitado para a rede de sujeitos, situações, territorialidades e desdobramentos que decorrem da emergência e desenvolvimento do chamado "olhar do turista", desde o alvorecer da Revolução Industrial até o tempo presente (URRY, 1990; 2002; 2011; 2021).

Em 2004, antes mesmo de boa parte das ideias, centros de pesquisa e livros terem sido produzidas sobre um "paradigma de mobilidades", no marco de uma "virada das mobilidades" e do que seria conhecido como Escola de Lancaster (FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020), Mimi Sheller e John Urry organizaram uma coletânea de textos que chamaram de *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Foi um dos primeiros esforços para pensar o turismo pelo prisma das mobilidades; e os autores - no capítulo de abertura do livro - arriscam uma definição de "mobilidades turísticas":

Nós nos referimos a "mobilidades turísticas" não apenas para constatar o óbvio (que o turismo é uma forma de mobilidade), mas para destacar que **muitas mobilidades diferentes informam sobre o turismo, dão forma aos lugares onde o turismo é performado e orientam a construção e a desconstrução de destinos turísticos**. Mobilidades de pessoas e objetos, aviões e malas, plantas e animais, imagens e marcas, sistema de informação e satélites, todos compõem este "fazer" do turismo. O turismo também se refere às mobilizações relacionais de memórias e performances, corpos racializados e generificados, emoções e atmosferas. (...) As mobilidades turísticas envolvem complexas combinações de movimento e pausa, realidade e fantasia, diversão e trabalho (p. 1, ênfase adicionada).

Assim, pela linhagem das ciências sociais, a abertura do debate buscava sobrepujar e apontar novas possibilidades de interpretação de um fenômeno que, na maioria das vezes, é abordado de maneira plana, normativa e prescritiva. Seguiram-se quase duas décadas de debates sobre as mobilidades e, neste contexto, vozes de diversas origens disciplinares e geográficas continuaram questionando e pensando a constituição do turismo como fenômeno móvel - o que, por óbvio, implica também reconhecer suas imobilidades. Em resumo, podemos notar que tais acadêmicos e

acadêmicas têm se concentrado em mobilizar (*mobilize*) o turismo - tarefa a que esta coletânea também ora se dedica.

Há textos que poderiam ser considerados basilares, dado seu claro propósito de conceituar ou propor um ordenamento de enfoques para a interpretação e o estudo das mobilidades turísticas. Dentre estes, merecem destaque os trabalhos de Doering e Duncan (2016), Coles, Hall e Duval (2016), Hall (2015), Cohen e Cohen (2015), Coles (2015), Hannam, Butler e Paris (2014) e, ainda mais precocemente, German-Molz (2009). A partir desta seleção, pode-se notar certa concentração de textos em meados da década de 2010, a ponto de, diante de certa profusão de escritos, Coles (2015) se perguntar se mobilidades turísticas ainda seriam mesmo um "tema vigente".

Levantamentos gerais nas bases científicas<sup>1</sup>, estruturados de maneira mais sistemática, ajudam a indicar um caminho de construção deste pensamento. Tal e qual ao que se refere às ciladas semânticas, os descritores de busca precisam ser bem colocados e os resultados, analisados com atenção. Até o início de 2022, um conjunto de quase 300 publicações traziam, de maneira conjugada a expressão "mobilidade(s) turística(s)" no título, no resumo ou nas palavra-chave<sup>2</sup>. Por certo, este tipo de busca, dado seu propósito de produzir um estado da arte, pode deixar de fora certas publicações sabidamente relevantes ou mesmo incluir outras que, por razões várias, se afastam do *core* analítico. Contudo, sendo um mapeamento mais técnico, cumpre a função de ajudar a conhecer as formas de abordagem, origens de pesquisadores(as), distribuição temporal, para ficar em alguns pontos básicos. Mesmo com eventuais faltas ou excessos, essa seleção informa sobre como as mobilidades turísticas, de maneira objetivada, povoam as produções de pesquisadores e pesquisadoras em escala global.

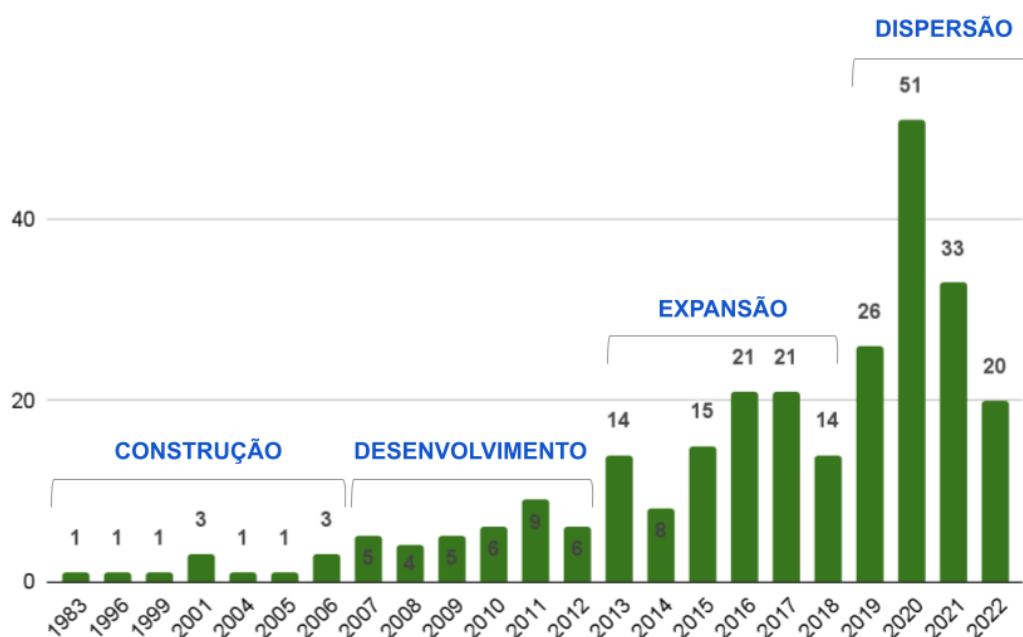
Com efeito, olhando para a distribuição da produção bibliográfica em escala temporal, podemos responder com alguma segurança à pergunta de Coles (2015) - "mobilidades turísticas: ainda um tema vigente?". Em ascensão desde 2013, será a partir de 2020 que a série sofrerá um crescimento brutal, algo que pode se atribuir ao interesse de acadêmicos em reagir aos impactos imobilizantes da pandemia da Covid-19 sobre o turismo global. Portanto, pelo menos no tocante ao interesse de pesquisadores e pesquisadoras, sim, o tema segue vigente, especialmente depois de 2015 - ano de publicação do artigo-questão de T. Coles - com uma clara linha ascendente (Gráfico 1).

---

1 Os dados desta pesquisa, inclusive os gráficos aqui dispostos, foram elaborados de maneira colaborativa entre Thiago Allis e Juliana Carneiro, como parte de produção conjunta do Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo, em processo de sistematização e organização para publicação.

2 Descritores de busca conforme segue: SCOPUS: TITLE-ABS-KEY (("touris\* mobilit\*")) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE, "ar")) e WEB OF SCIENCE: TÓPICO: ("touris\* mobilit\*"). Refinado por: TIPOS DE DOCUMENTO: (ARTICLE)

Gráfico 1 - Distribuição temporal de publicações sobre mobilidades turísticas - 1983-2022



Fonte: Allis (2022), a partir de levantamento do Scopus, Scielo e Web of Science

A categorização destes trabalhos, a partir da leitura de títulos, palavras-chave e resumo, indica uma diversidade importante de temas, que vão de questões de ordem ambiental (água, mudanças climáticas e turismo em áreas naturais) até abordagens centradas em conflitos, crises, diásporas, peregrinações, comunicação, passando por um grande grupo de trabalhos sobre Covid-19, bem como sobre aplicação de técnicas móveis (assentadas no "tracking") e, ainda, um bloco qualificado como ensaios, comentários e reflexões abertas - onde se encontram as melhores contribuições direcionadas para um olhar potencialmente ontológico.

Quadro 1 - Categorias temáticas das publicações sobre mobilidades turísticas - 1983-2022

1. Água	14. Mobilidades turísticas no tempo
2. Caminhada e peregrinação	15. Mudanças climáticas
3. Comportamento e consumo	16. Questões comunitárias/residentes
4. Comunicação, virtualidades e imaginários	17. Risco e medo
5. Conflitos e crises	18. Saúde e bem-estar
6. COVID-19	19. Segunda residência
7. Distribuição espacial (DE) (intra/entre destino)	20. Sustentabilidade
8. Distribuição espacial (DE) (região/país)	21. Trabalho e trabalhadores
9. Ensaios, comentários e reflexões abertas	22. Tracking (Aplicação de técnica)
10. Fronteiras e geopolítica	23. Transportes (T) (automobilidades/cultura do carro)
11. Identidades em movimento	24. Transportes (T) (transporte aéreo e espacial)
12. Migração e diáspora	25. Transportes (T) (Transporte local)
13. Mobilidade Justas ou Desiguais	26. Turismo em áreas naturais

Fonte: Allis (2022), a partir de levantamento do Scopus, Scielo e Web of Science

Mesmo sem um mergulho detalhado aos trabalhos dentro destas categorias, é premente reconhecer que uma parte relevante dos trabalhos detectados, apesar de trazer a terminologia precisa ("mobilidade(s) turística(s)"), distanciam-se muito dos preceitos trazidos pelas mobilidades como em Urry (2000; 2007), Sheller e Urry (2006), Cresswell (2006; 2010) ou Adey (2010), voltando-se para as mobilidades como tema ou objeto concreto, como sinônimo direto de deslocamento.

Ainda assim, dentre este levantamento primário, anuncia-se um cenário propício para debates sobre mobilidades justas (cf. SHELLER, 2018a), identidades e outras ênfases sensíveis e relacionais - e não meramente espaciais ou voltadas ao movimento mecânico de corpos. Com efeito, as mobilidades, longe de serem fenômenos livres e dependentes de vontades subjetivas, são condicionadas por "esquemas" ou "regimes" de mobilidade" (SHELLER, 2018B; KESSELRLING, 2014; GLICK SCHILLER, 2013), que determinam as possibilidades de acesso, bem como "interrupções, hierarquias e distinções" (FREIRE-MEDEIROS *et al.*, 2018) nos vários tipos de movimento. Isso faz parte de certos processos em que se tenta modelar a sociedade a partir de circuitos de interconexão e que leva a pensar nas estruturas que moldam ou determinam que as mobilidades ocorram de uma forma ou de outra.

Diante deste quadro global, resta tentar entender como a reflexão e a produção brasileira tem se apresentado. Desde 2009, pesquisadores brasileiros vêm se debruçando sobre as mobilidades na perspectiva da "virada". De forma mais ampla, são mais de 50 pesquisadores e cerca de 80 trabalhos publicados dentre artigos em periódicos científicos, dissertações e teses, e capítulos de livros. De 54 pesquisadores da área, 17 transitam pelas ciências sociais (sociologia, antropologia, e ciência política) e 14, pelo turismo, os demais se distribuem entre as áreas de arquitetura e urbanismo, comunicação social, educação, direito e economia.

De 52 artigos científicos, 16 são sobre mobilidades turísticas e 1 sobre lazer; de 16 dissertações e teses, 6 versam sobre mobilidades turísticas; e dos 11 livros/capítulos de livros, 7 são sobre mobilidades turísticas, ou seja, cerca de 1/3 (um terço) da produção sobre mobilidades no Brasil versa sobre turismo e aborda as mobilidades turísticas<sup>1</sup>.

Esses números se justificam, pois, esta literatura chega ao Brasil, em grande medida, a partir da leitura do "O Olhar do Turista" de John Urry (2001)<sup>2</sup>, que não tratava exatamente de mobilidades, ou não ainda sobre as mobilidades da forma que tratamos neste livro, mas já ensaiava o que viriam a ser estes estudos. Era preciso olhar para

---

1 Dados coletados pela equipe TurisData/UNIRIO. Descritores de busca: "paradigma"+"mobilidades"

2 A terceira edição de Olhar do Turista foi publicada em português em 2022, e esta edição aborda de forma mais direta as mobilidades turísticas



um campo de estudos ou objeto de pesquisa em constante movimento, ou centrado no movimento para enxergar as mobilidades como lente de análise.

Mas, quando falamos de mobilidade turística no Brasil de que se trata? Há um grupo de artigos que se aproxima de ensaios teóricos que ainda buscam compreender as mobilidades turísticas e sua contribuição para pensar o turismo, bem como realizar revisões bibliográficas e/ou estados da arte sobre o tema (GUIMARÃES, 2011; KUNZ, 2015; ALLIS, 2016; ALLIS e FRAGA, 2016; ALLIS *et al.* 2020). A estes, se somam os trabalhos sobre as mobilidades turísticas com foco nos destinos ou lugares turísticos, sejam favelas (FREIRE-MEDEIROS, 2013; FREIRE-MEDEIROS e MENEZES, 2016; MORAES, 2017), cidades (BARCELLOS e MORAES, 2017), ou ainda, suas populações locais (KUNZ *et al.* 2018). Mais recentemente, entre 2021 e 2022, trabalhos se debruçaram sobre os temas pandemia e (i)mobilidades (CARNEIRO e ALLIS, 2021; ZALTRON DE SÁ e GASTAL, 2021; MORAES *et al.* 2022)

Ainda são raros - no Brasil e, também no mundo - os estudos sobre a interseção mobilidades turísticas e mobilidades justas. Mas eles já surgem, especialmente em anais de evento, notícias de estudos em andamento sobre mobilidades turísticas e público LGBTQIAP+, mulheres e relações étnico raciais. Há ainda todo um campo, bem como fronteiras a serem exploradas sobre mobilidades turísticas e lazer, bem como mobilidades turísticas e trabalho, considerando os trabalhadores e trabalhadoras do turismo (guias, hoteleiros, consultores, gestores etc.) ou que viajam para trabalhar (guias, *au pair*, *worldpackers* etc.).

Por fim, há ainda uma concentração das pesquisas no eixo RJ e SP, o que pode ser observado na busca por grupos de pesquisa e nos objetos empíricos das pesquisas publicadas. No Diretório de Grupos de Pesquisa, do CNPq, há 34 grupos de pesquisa que têm no título ou nas linhas de pesquisa o termo mobilidades. Destes, 13 grupos estão em universidades do Sudeste, 12 no Nordeste, quatro no Sul, três no Centro-Oeste e dois no Norte. Destes, somente quatro tratam de turismo e mobilidades e/ou mobilidades turísticas, estando todos no Sudeste: dois grupos no Estado de São Paulo e dois no Estado do Rio de Janeiro. Os demais grupos tratam de temas como mobilidade urbana, migrações, mobilidade educacionais, transportes, entre outras. Ele se reflete na produção científica. As dissertações e teses sobre mobilidades turísticas estão concentradas entre Rio de Janeiro e São Paulo, acompanhando os grupos de pesquisa encontrados, bem como as pesquisas com objetos empíricos definidos também se concentram nestes dois estados.



## A jusante: ampliando a agenda de pesquisa

Diante de uma panorâmica sobre a forma como acadêmicos e acadêmicas vêm expressando seu aprendizado e os achados de suas pesquisas sobre mobilidades turísticas, é esperado que, ao final de um exercício aplicado coletivamente produzido, apontem-se possíveis direções de continuidade. Afinal, 20 anos na história do pensamento é um lapso, que, se por um lado foi relevante para plantar bases para o pensamento sobre mobilidades contemporâneas, por outro, expõem claramente uma infinidade de lacunas e perguntas em aberto.

Assim, numa espécie de tetralogia elementar, entendemos que o questionamento, a pesquisa, o ensino e ação sobre as mobilidades turísticas, deveriam atentar para os seguintes eixos:

### O compromisso elementar: encruzilhadas de saberes

Para gerações de estudantes e pesquisadores de turismo - especialmente no Brasil - a interdisciplinaridade sempre foi difundida como compromisso elementar, mas, provavelmente, pouco cumprida. Isso porque, ainda que muito lógica, não é uma empresa fácil, especialmente para quem não se origina de áreas tradicionais (administração, economia, história, geografia, sociologia, para citar alguns). Essa "geração turismo"<sup>1</sup>, com efeito, tem o desafio de navegar por referências multidisciplinares, com a atenção de conseguirem se situar em uma trilha lógica de estudos e produção do conhecimento. Por sua abordagem ancorada na complexidade dos fenômenos, as mobilidades, então, podem ser uma arena hospitaleira e ensejadora de mais e melhores estudos que iluminem o caminho do turismo.

Especificamente, Coles *et al.* (2015) reforçaram, há quase 10 anos, nos estudos e pesquisa de turismo, a necessidade de análises para além do interdisciplinar, sendo conveniente avançar para um paradigma pós-disciplinar. Some-se a isso a inadiável necessidade de olhares decoloniais, antirracistas, feministas para o pensamento e a ação no mundo contemporâneo, dado que o turismo, na sua complexidade, toca,

---

1 "A Geração Turismo, caracterizada por acadêmicos novos e emergentes com formação em turismo e formação educacional multidisciplinar, surgiu recentemente. É tipificado por acadêmicos relativamente jovens, detentores de diplomas multidisciplinares, centrados em fenômenos e frequentemente aplicados em turismo, com pouco ou nenhum conhecimento das disciplinas centrais que moldaram os estudos de turismo. Essa massa de pesquisadores normalmente inclui tanto acadêmicos de turismo com formação multidisciplinar e que mantêm essa perspectiva mais generalista (Geração Turismo clássica), quanto estudiosos do turismo que podem começar com uma formação multidisciplinar, mas que depois gravitam em direção a uma disciplina de fundação específica (representantes do Geração Turismo que se especializam mais em seu foco de pesquisa)" (FILEP *et al.*, 2015, p. 511-512).

reforça, mas pode ser vetor de transformação nas relações sociais, políticas, de gênero, étnico-raciais.

### Para além dos umbigos: necessidade de redes de colaboração internacional

Grandes países do Sul Global - como o Brasil, Índia, México, Indonésia, para citar alguns - têm um conjunto de temas e uma concretude de questões cotidianas tão vasta que, por vezes, parece se bastar com celeiro para reflexões teóricas. Além disso, quando se projetam conexões internacionais - inclusive na academia - não é raro que relações (neo)coloniais se (re)estabeleçam, levando a proposições teóricas desencaixadas das particularidades e desafios que fervilham aos olhos dos observadores e cidadãos. Por isso, uma tarefa corrente é o reforço da autonomia no conhecimento e nas produções de conhecimento da América Latina sobre mobilidades turísticas, porque, ainda que os referentes sigam sendo as reflexões originais provenientes do mundo anglo-saxão, as problemáticas e também as categorias de análise, formas de abordagem e mesmo propostas de intervenção guardam particularidades.

Nesse sentido, se, por um lado, o imperativo da globalização impõe uma visão necessariamente internacional para quase todos os temas da vida contemporânea, por outro, é razoável que o Sul do Mundo participe mais da produção de conhecimento a partir de categorias e questões nativas. É assim que para se entender turismo como um fenômeno debaixo do grande guarda-chuva das mobilidades, é imprescindível identificar, decodificar e reagir, na produção de novas epistemologias para a área, aos nexos que se estabelecem entre múltiplas localizações (e suas questões particulares) e os temas do mundo mergulhado na era do antropoceno.

Ainda mais urgente se considerarmos que as mobilidades virtuais e a circulação de imagens estão, não sem assimetrias e fraturas, aplainando o mundo - mesmo que as interações físicas continuem modulando muito das interações turísticas.

### O mantra: é preciso explorar novas experimentações metodológicas

Para se consolidar um jeito particular de compreender e intervir em turismo, é necessário um esforço diuturno para testagem, experimentação e promoção de abordagens metodológicas próprias. Por suposto que não é sempre necessário reinventar a roda, mas adaptar criativamente e implementar, sem receios exagerados, novos esquemas metodológicos, que podem contribuir profundamente para desvelarmos sentidos, questões, práticas e agendas para o turismo contemporâneo.

Tal e qual M. Sheller e J. Urry (2004) buscaram criar um caleidoscópio de referência sobre as mobilidades turísticas, Büscher *et al.* (2011) reconhecem que a

"virada das mobilidades" (*mobilities turn*) "abre formas diferentes de entender a relação entre teoria, observação e engajamento. Isso engendra novos tipos de entidades pesquisáveis, um novo ou redescoberto domínio empírico e novas avenidas para crítica" (p. 2). Nesta seara, no contexto latino-americano, a Escola de Ciência Avançada em Mobilidades (SPMob), organizada desde 2017, tem buscado pautar métodos e apoiar pesquisadores e pesquisadoras em seus projetos de mestrado e doutorado, como tarefa contínua na formação de quadros.

Mesmo que o trabalho aplicado nos capítulos deste livro priorize abordagens secundárias, produzidas em gabinete, contabiliza-se uma diversidade de técnicas, a partir de vários campos teórico-metodológicos: pesquisa história e análise imagética (fotos de arquivo) ou de manifestações públicas (imprensa); análise de relações internacionais, a partir do estudo de acordos e estatísticas de turismo regionais (América do Sul); estudo das práticas de hospitalidade no domínio virtual - com uma espécie de observação participante *online* e, ainda, estudo puramente teórico, com levantamento e diálogo com literatura selecionada. Todos os trabalhos ilustram uma pequena fração daquilo que pode ser aplicado para entender as múltiplas manifestações do turismo, em variadas escalas de tempo e espaço. Para além de seus enfoques específicos, podemos dizer que eles também permitem visualizar transposições para outros lugares e contextos, problemáticas similares e também desdobramentos similares.

Assim, em suas rotinas e protocolos de pesquisa, pesquisadores e pesquisadoras do presente e do futuro deveriam se imbuir, em medidas equilibradas, de responsabilidade (para estudar e processar práticas e métodos de pesquisa consagrados) e coragem (para abrir novas possibilidades metodológicas), do que certamente resultarão compostos metodológicos ajustados e técnicas híbridas potencialmente muito úteis para explicar e entender o turismo pelo prisma das mobilidades. Certamente, o grande arcabouço dos chamados métodos móveis pode ser um ponto de partida bastante promissor.

### Um compromisso: reflexões que levem a aplicações

A tradição das ciências sociais, muito marcada na construção das mobilidades como lentes analíticas, aportam um caráter invariavelmente reflexivo ao fenômeno do turismo. Esse cabedal proporciona um conhecimento arejado sobre a natureza das mobilidades turísticas, o que deve ser ponto de referência para atuação política e técnica. No Brasil - e em boa parte do Ocidente - consagrou-se o entendimento de que o turismo se acomoda na grande área das ciências sociais aplicadas, ainda que as ciências sociais e as humanidades, nas suas particularidades, sempre tenham pavimentado vias para a compreensão global do fenômeno.

É incontestável o papel de instituições formadoras de profissionais do turismo na gestação dessas transformações e na elaboração deste saber-fazer. Assim, a pesquisa, com um compromisso de aplicação, precisa ser aprofundada e fortalecida, principalmente com um olhar crítico e construtivo que contribua para a resolução das desigualdades e problemas que se escondem por trás do turismo (cf. CATALANO, 2018). Vide, por exemplo, a difusão de observatórios do turismo pelo Brasil, muitos dos quais concebidos e geridos por meio de parcerias entre academia e outros setores da sociedade.

A pequena seleção de textos que compõem este livro deixa nítido que precisamos ir muito além da ideia de fluxos turísticos como elemento definidor exclusivo do turismo. Como se notou, os autores e as autoras captaram e desenvolveram o caráter analítico que as mobilidades podem proporcionar, jogando luz sobre alguns aspectos problemáticos vinculados a práticas turísticas invisibilizadas ou negligenciadas apontando para caminhos de reflexão e ação no debate contemporâneo.

Assim, atendendo ao chamado de transformação do mundo, os muitos agentes que compõem a cadeia de pensamento e ação do turismo precisam se alimentar deste repertório diverso com o firme compromisso da aplicação transformadora, com toda a riqueza de experimentação epistemológica e a reflexão prospectiva que as mobilidades ensejam.

## Referências

ADEY, P. **Mobility**. London/New York: Routledge, 2010.

ADEY, P.; BISSELL, D.; HANNAM, K.; MERRIMAN, P; SHELLER, M. (orgs.). **The Routledge Handbook of Mobilities**. London: Routledge, 2014.

ALLIS T. **O olhar do turista e as mobilidades turísticas na metrópole**. 200p (Livre Docência - Turismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

\_\_\_\_\_. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, 23, 94-117, 2016.

\_\_\_\_\_. Movilidad y Turismo. In: DHAN Z. S.; G. GIUCCI e P. J. (Orgs.). **Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 131-138.

ALLIS, T.; FRAGA, C. Mobilidades turísticas e hospitalidade urbana: Análise bibliográfica a partir de publicações de turismo no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, 26, 155-165, 2016

ALLIS, T., MORAES, C. M. dos S., e SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas: . **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, 271-295. 2020 <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i2p271-295>

BARCELLOS, C; MORAES, C. Mobilidade urbana e turismo: Percepção dos residentes de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 2061-2072, 2017.

CARNEIRO, J.; ALLIS, T. Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19?. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2212>

CATALANO, B. Lo que se entrevé y se oculta detrás del turismo. **Revista Bordes**, 177-184, 2018.

COLES, T. Tourism mobilities: still a current issue in tourism? **Current Issues in Tourism**, n. 18, v. 1, p. 62-67, 2015.

COLES, T., HALL, C. M.; DUVAL, D. T. Tourism and Postdisciplinarity: Back to the Future? **Tourism Analysis**, n. 21, v. 4, p. 373–387, 2016. doi:10.3727/108354216x14679788

CRESSWELL, T. **On the Move: Mobility in the Modern Western World**. New York: Routledge, 2006

\_\_\_\_\_. Towards a Politics of Mobility. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 28 n. 1, 17-31, 2010. <https://doi.org/10.1068/d11407>

FILEP, S.; HUGHES, M.; MOSTAFANEZHAD, M.; WHEELER, F. Generation Tourism: towards a common identity, **Current Issues in Tourism**, n. 18, v. 6, p. 511-523, 2015. DOI: 10.1080/13683500.2013.855174

FREIRE-MEDEIROS, B. **Touring poverty**. Londres: Routledge, 2013

FREIRE-MEDEIROS, B., MENEZES, P. V.. As viagens da favela e a vida social dos suvenires. **Sociedade E Estado**, v. 31, n. 3. 2016 <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016.00030005>

FREIRE-MEDEIROS, B; LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 123, 121-142, 2020.

FREIRE-MEDEIROS, B; TELLES, V. S.; ALLIS, T. Apresentação: por uma teoria social on the move, **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 1-16, 2018.

GERMANN-MOLZ, J. Representing pace in tourism mobilities: staycations, slow travel and the Amazing Race, **Journal of Tourism and Cultural Change**, n. 7, v. 4, 270-286, 2009. DOI: 10.1080/14766820903464242.

GLICK SCHILLER, N.; SALAZAR, N. Regimes of Mobility Across the Globe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 39, n. 2, 183-200, 2013.

GUIMARÃES, V. Globalização, as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. **Contemporânea (Título não-corrente)**, [S.l.], v. 9, n. 2, dez. 2011. DOI:<https://doi.org/10.12957/contemporanea.2011.2139>

KESSELRING, S. Mobility, Power, and the Emerging New Mobilities Regimes, in **Sociologica** [on line], v. 1, 2014, doi: 10.2383/77047

KUNZ, J. As mobilidades turísticas como objeto de pesquisa: um panorama dos periódicos estrangeiros (2000-2014). **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 7, n. 3, 377-391. 2014. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v7iss3p377>

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A.C. TOSTA, E.; FRANCISCO, G. As mobilidades turísticas na/da fronteira sob a visão de seus agentes locais: um estudo no Chuí - RS, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 8, n. 2, dez. 2018, 195 - 215 DOI:10.2436/20.8070.01.108

MORAES, C.M.S. **Favelas Ecológicas**: passado, presente e futuro da favela turística. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV-RJ. 2017

MORAES, C.M.S.; LA VEGA, B. FRENZEL, F; REGA, I; MAINARD-SARDON, J. Favela Tour Virtual: Sobre Mobilidades Turísticas em Favelas no Contexto da Pandemia de Covid-19. **Cadernos de Arte e Antropologia [Online]**, v. 11, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.4284>

SHELLER, M. **Mobility Justice**. The Politics of Movement in an Age of Extremes. London: Verso, 2018a.

\_\_\_\_\_. Theorising mobility justice. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 17-34, 2018b.

SHELLER, M.; URRY, J. (Orgs.). **Tourism mobilities**: places to play, *places in play*. London/New York: Routledge, 2004.

SHELLER, M; URRY, J. The New Mobilities Paradigm," **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006. DOI: 10.1068/a37268

SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. Introducción In: DHAN Z. SINGH; G. GIUCCI e P. J. (Orgs.). **Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 13-21.

URRY, J. **Sociology Beyond Societies**. Mobilities for the Twenty-First Century. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **The tourist gaze**. 2. ed. London: Thousand Oaks: Sage, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

URRY, J.; LARSEN, J. **The Tourist Gaze 3.0**. London: Sage, 2011.

\_\_\_\_\_. O olhar do turista 3.0. São Paulo: Ed. SESC, 2022.

SÁ, F. Z.; GASTAL, S. DE A. Mobilidade, imobilidade e a-mobilidade: para discutir o Turismo em tempos de COVID-19. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 1, jan. 2021. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2144>